

A ultima palavra das caçarollas — rabecas e das coleiras orchestraes, manejadas por tres vivos diabos de clowns, que conservam o espectador n'uma alegria ao mesmo tempo risonha e surprehendida, e attenuam a pedanteria de musicos por uma jovialidade estufante de palhaços — e a ribaldaria de palhaços pela mais fina cultura musical que em artistas de circo temos visto. Pelo seu amor á musica, e pela eloquencia vibratil dos seus gestos, os bemoes crum uma bonita aquisição para o parlamento, e disseminados por entre os deputados degeneradores (morte Fontes, a regeneração passou a chamar-se *degeneração*, e os partidarios d'ella, degenerados; ou, em caso de exercerem influencia á roda de si, degeneradores — como no presente) elles poderiam talvez introduzir algum rythmo no charivari quotidiano das sessões.

Por ahí...



O paiz acaba de dar provas manifestas d'um largo e progressivo desenvolvimento—sob o ponto de vista pyrotechnico.

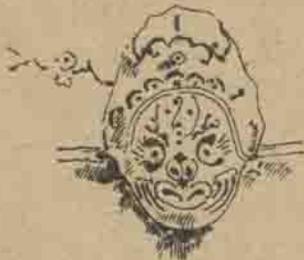
A pyrotechnica, que é como quem diz a sciencia das bichas de rabiar e tric-tracs correlativos; a pyrotechnica occupa de longa data um *fauteuil* de primeira fila entre o povolu das sciencias que nos são caras.

No tempo em que ainda eram meninos os que hoje campan de meninós, despertou-nos Jose Hosti, na *Floresta Egyptica*, esta paixão pelo fogo de artificio, dando-nos miudamente pelos beiços com a côca d'aquella celebre peça *A Serpente e as borboletas*—peça que mais teve o dom de fazer vibrar a corda pyrotechnica em lusitanos corações.



Correram tempos.

E, se enquanto correram tempos se transformou a gloria, conforme expressam as *Novas conquistas*, do outrora mavioso poeta e hoje tenro proselyto do partido politico dos *chê-chês*, o certo é que a pyrotechnia não soffreu transformação alguma, mantendo inabalavel no seu programma, por mais d'um quarto de seculo, toda a gloriosa tradição de *A serpente e as borboletas*, que durante longos trianta annos nós vimos rabear sem descanço por todos os cantos do paiz, desde o largo de Alcânhões até á rua central do defunto Passéio Publico, e em todas as festas nacionaes, desde o arraial saloio até o casamento do principe D. Carlos.



Agora porém, quando o Santo Antonio, o S. João e outros santos frecheiros de fogo de vistas nos estavam batendo á porta; quando o Valente da rua da Boa Vista 8 já tinha a casa atafalhada de freguezes, do balcão para fóra, e de valverdes e pistolas, do balcão para dentro; quando tudo se preparava para lançar pela quinquagessima vez na sua vida a bomba tradicional de pataco a duzia, eis que o Porto, o baluarte

vitalicio das liberdades patrias, a vanguarda chronica dos progressos nacionaes, toma sobre si o peso de mais uma iniciativa do progresso, transformando do pé para a mão o uso carunchoso da bombinha de mijarete pelo emprego estridulante da bombardinha de dynamite!



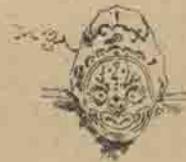
E, porque não haja festa do progresso sem a assistencia official das auctoridades administrativas, assim se explica e até se justifica como esse ensaio de bombas de dynamite foi feito junto á porta e sob as proprias janellas do sr. governador civil d'aquelle districto.

Uma attenção profundamente delicada, que deve em extremo haver penhorado o sr. Correia de Barros, por isso que lhe permittiu assistir mesmo em roupas brancas ao que, se se dêsse n'outro qualquer sitio, não podia assistir sem dependencia da sua casaca preta.



O iniciador d'este enorme progresso no estafadado ran-ran do fogo de artificio, longe de fazer alarde da sua iniciativa, modesto como todos os grandes iniciadores, preferiu esgueirar-se a unhas de cavallo a ter de passar por todos os incommodos inherentes á grande ovação com que os poderes publicos tinham por uma força de galardoar-lhe os meritos.

Toda a policia do paiz anda agora atraz d'elle no empenho de deitar-lhe a unha, afim de lhe ser conferido um habito de Christo ou um quarto na Penitenciaria—á escolha do freguez—mas parece-nos que podemos perder as esperanças de virmos a ter mais um penitenciado—ou mais um commendador...



Alguns jornaes insinuam timidamente a suspeita de que tenha sido o proprio sr. Correia de Barros o homem da bomba.

E porque não?

O sr. ministro das obras publicas não é conhecido pelo cognome guerreiro do *dr. dynamite*?

Quem nos diz a nós que o sr. governador civil do Porto não tivesse a velocidade de equiparar-se—pelo menos no cognome—ao sr. ministro das obras publicas?



—Mas o que ganhava elle com isso? perguntarão.
 —Tudo! responderemos; em primeiro logar o renome de victima imbelles que uma bomba ia mandando para os anjinhos — salvo seja, para os anjinhos; —depois um cognome igual ao do seu superior; e por ultimo, quando averiguado que foi s. ex.* que voluntariamente atirou a bomba a si proprio, as honras de bombeiro voluntario, para todos os effeitos e sem pagamento de quotas!

E então? — Renome, cognome e bombeiro voluntario!

E' mau?...



A' ultima hora.

Está aclarado o mysterio!

O sr. Bailio de Malta acaba de fazer na camara dos pares a seguinte solemne declaração:

— De mim se arranca
 Verdade franca,
 Casta e tão branca
 Como uma pomba:
 Sem ser bombeiro,
 Sou, todo inteiro,
 O tal brejeiro
 — O homem da bomba!



De raspão...



Traz o ultimo supplemento litterario do *Correio da Manhã*, uma narrativa da viagem do sr. Zepherino Brandão ás terras d'Italia, consagrada ao conde de Valenças, cuja leitura reputo indispensavel a todos quantos se interessam pela historia e pela cosinha italianas. Convenho que as explanações do sr. Brandão no primeiro ponto, não sejam muito pittorescas talvez, nem muito originaes, attenta a circumstancia, aliás fortuita, de se encontrarem em todos os guias. Quanto ao segundo ponto, porém, o escriptor surpreheende, já pela erudição absolutamente inedita com que se deita a fallar nas comezanas, já pela planturosidade com que por exemplo, no *Caffé Collona*, almoçou.

«A primeira cousa, que pozeram diante de mim, foi um prato com raizes brancas muito lavadas. Eram bolbos arredondados e compostos de tunicas carnudas, como as da cebola. Nem mais nem menos do que raizes de funcho; — *finocchio*. São saborosas, e assenta bem sobre ellas *mezzo* litro de Chianti, um dos melhores vinhos da Toscana. Trouxeram-me, em seguida, *salami*, *presciutto*, *risotto alla Millaneze*, *braccioleta di vitello*, *frittata bistecca*, *peras*, *fromaggio Gorgonzola* e *caffé nero*.

Almocei como um cardeal.

O *risotto*, e o *macarroni al burro* ou *al pomodoro*, são pratos caracteristicos da cozinha italiana, a qual pouco differe da franceza nas casas mais frequentadas pelos estrangeiros.

Nunca comi em toda a Italia *roastbeef*, nem batatas fritas, como na Inglaterra.»

E cathedricamente:

«Não sabem ou não querem *constipar* a carne, quando a assam, nem as batatas, quando as fritam.»

Vê-se o gastronomo sugando á constipação da carne e das batatas, um requinte mais de glotoneria, e applaudindo — ao contrario do *dilettanti*, que em face a

ENTRE GYMNASTAS



PORTUGUEZES NO SALON



Continuamos a reproduzir as obras de compatriotas nossos, que este anno figuram no *Salon*. Escusado accrescentar que a nossa reprodução é feita sobre desenhos originaes que os pensionistas portuguezes nos enviaram de Paris. Em primeiro lugar, o escultor Teixeira Lopes, que Lisboa conhece já pelos magnificos boçados d'esculptura expostos na sala do *Commercio de Portugal*, em dezembro ultimo. A sua estatueta do *Salon* chama-se a *Infancia de Cain*, e posto que o *ensemble* da obra, de forma alguma tenha relação com o titulo que lhe deu o artista, devemos dizer que ella é um bellissimo estudo da creança *gauche*, de cujo cerebro ressumbram precocemente instinctos perversos, e cuja vida futura está predestinada, pela impulsão do mal que já lhe faz o olhar obliquo, e a anatomia do corpo adunca e tragica.

Salgado expõe dois quadros: um retrato de magrisella-artista, a quo elle pôz o titulo de *Réverie*, e que cercou de *bric-à-brac*; e um idyllosito infantil, *Flores do campo*, que vibra de luz radiosa, e tem um encanto simples de pinturinha de leque. O sr. A. de Mello, por ultimo, dá-nos um retrato de homem bem vestido, que segura a bengala de castão rico, como se trautasse a conhecida canção da *Gran-Duquesa*: *Acceita o sabre de meu pae!*...

constipação d'artistas lyricos, patêa sempre. Para em sciencia culinaria se attingir d'estes apuros, era necessario antigamente ser frade, e agora, pelo menos, comissionado do governo. Ah senhores, que muito bem se come em viagem d'estudo!



«Como tinha almoçado bem, fui ver o Colyseu» segue o escriptor. E confessa que foi achar o Colyseu n'uma ruina. E' natural. Porém, que iria sua excellencia fazer ao Colyseu, depois de ter almoçado assim? O facto d'um homem almoçar como um cardeal, implicará acaso o determinar-se elle a visitas archeologicas—por simples descargo de sabio, por descargo de consciencia, ou d'intestino grosso?...

Porque enfim, o sr. Zeferino Brandão comeu *finocchio*. Comeu ou não comeu? E confessa até que o *finocchio* se cose bem n'um meio litrosinho da Toscana. Ora, entre conceder ao *finocchio* propriedades evocativas e suggestoras da visão artistica—indispensaveis ao archeologo — propriedades affectivas, indispensaveis ao philosopho que se concentra—ou propriedades laxantes, provocadoras d'uma visita subita a uns cazarees — o sr. Zeferino Brandão perdoará... sou pelas ultimas.



Não me custaria a crer que S. Ex.^a fosse ao Colyseu na mira d'estudos historicos, uma comparação, antes d'almoço... ou tendo comido mais modestamente. Mas depois d'almoçar como um cardeal... hum! a digestão tem necessidades. A entrada d'uma refeição implica a sahida da refeição anterior. E' como o advento d'um ministerio. Logo o sr. Zeferino Brandão foi para o Colyseu... artilhado.

Escusa de negar. Ha apertos heroicos.—E mais adiante:

«Antes d'entrar, seja-me permittida uma divagação...»

Ui, menos essa! As divagações em taes alturas, não são divagações, são resonancias. E para cumulo, o sr. Zeferino Brandão é artilheiro. Artilharia complicada d'Academia. As suas divagações devem de revestir o caracter de salvas, *à double sens*. Explico melhor — homenagem de vinte e um tiros á Roma antiga, e... *Allivio dos Tristes e Consolação dos Queixosos*, ao mesmo tempo.



A Democracia:

«Como todos os poemetos de João Saraiva, a *Primavera* não desmereceu do talento d'aquelle escriptor, que tendo, de vez a vez, pontos de afinidade com

Guerrã Junqueiro, descamba para o idyllio d'uma maneira magistral.

Descambar não é proprio. Sel-o-hia, se alguém falando do articulista, escrevesse — ... tem de vez a vez, pontos d'afinidade com um bom moço, mas descamba para a asneira...

Quer que ajuntemos tambem...—d'uma maneira magistral?



Diz o *Noticias* que vae ser dado o titulo de *real* ao Colyseu da Rua Nova da Palma. O' sr. Zepherino Brandão!

—N'este é que era fazer divagações, antes d'entrar.



A policia de Londres prendeu n'uma casa de jogo uns doze gentlemen, quatro dos quaes eram lords, e quatro, jornalistas. Este escandalo não aconteceu, mas podia acontecer em Lisboa, ahi pelas cercanias do Chiado. Sómente, policia que o provocasse, era demittido no dia seguinte.



Em acção de graças por se haver salvo da morte o governador civil do Porto, Correia de Barros, dizem os jornaes do Douro que vae haver missa campal. (Correia de Barros pretendia dar cabo da existencia atirando como se sabe, contra si mesmo, uma bomba de dynamite.)

Missa campal, francamente, é pouco. Quando o rei esteve doente, foi uma missa campal que a guarnição de Lisboa ouviu, nos campos do Hypodromo, em acção de graças pelas suas melhoras.

Com o imperador do Porto, Correia de Barros primeiro, é d'urgencia estarrecer o povo com o assombro d'outras manifestações festivas—cantar-lhe por exemplo uma Semana Santa, que tenha por epilogo uma alleluia — porque assim se figuraria o terror causado no Porto pela morte do homem, e logo em seguida a embriaguez publica determinada pela sua ressurreição.

Ou outro alvitre.

—Se a bomba rebentada não foi bomba, foi bexiga, está a briosa cidade em pleno carnaval. Por consequencia, em vez de comícios, bailes de mascaras. E força d'allusões a mais esta tentativa de... suicidio frustrado.

Opiniões

Sobre os novos candieiros da Avenida,
para luz electrica



Uma sopeira:

— O tal vidro de forma ratona
Em que a luz hoje em dia nos dão,
E' par'cido co' o saço de lona
Onde eu faço o café do patrão!



Um sacristão:

— Este vidro, sagrados assumptos
Em meu peito christão desabrocha!
Té supponho cheirar-me a defuntos
... Pois parec-me um pingo de tocha!

Um politico:

— Este vidro, no espaço isolado,
Semelhando uma enorme nabiça,
Faz lembrar o nariz constipado
Do ministro que rege a justiça!

Um revenant de Faro:

— Estes vidros formosos gentis,
Qual gentil e formoso boião,
Vêm lembrar-me o talento do Assis
E outras coisas... que enfim, já lá vão...

Uma parteira:

— Este vidro, tão branco e tão fino,
Dando á luz uma força dobrada,
Faz lembrar-me o robusto menino
Que aparei na semana passada...

Uma elegante:

— A fallar-me debaixo do vidro
Nunca mais, meu Izidro, te agrade...
Que me pode cair, meu Izidro,
Algum pingo... da electricidade...



Victor Sardella

A ESPIGA



Aluísio Bordallo Pinheiro

- Hoje, dia da espiga, aqui te metto nas mãos mais esta. ó Zé.
- Estás lá...
- É a famosa espiga dos 440 grões, como dizia o Novas. Guardal-a-has, no celeiro da tua evangélica paciência, e vae-te preparando para a outra dos 2,700, que estamos sem quartéis onde metter os vícios do exercito.
- Então vocês não cahem?
- Aos governos e ao borracho põe-lhe o rei a mão por baixo.
- A mesma que nós beijamos depois... Não está mau o petisco?